



D G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

DA INDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA

Senhores da Direcção do Sindicato:

Quem escreve é um operário têxtil que não faz-lo traduz sem dúvida o pensamento da maioria da classe. O que se pretende com esta carta é saber o que tendes vos feito, desde que fostes empossados, em benefício da classe. Por isso perguntamos:

Que passos foram dados para evitar que numerosas empresas fechassem as suas portas? Que passos foram dados para minorar a miséria de milhares de colegas que ficaram desempregados, apesar do Sr. Ministro e vós mesmos tendes garantido que não havia despedimentos? Que passos têm sido dados para que os milhares de colegas que estão em regime de trabalho redziado (3 e 4 dias por semana), passem a trabalhar os 6 dias? Que passos tendes vós dado para conseguir um novo contrato colectivo de trabalho onde sejam estabelecidos salários que correspondam ao custo de vida? Que passos foram dados para acabar com o desumano regime de multas à sombra das quais se rouba com o mais descarado despante? Que tendes vos feito para obrigar a cumprir os horários de trabalho que hoje são atropelados descaradamente, assim como conseguir para a classe uma mais humana Presidência, melhores abonos de família e casas para aqueles que vivem em «ilhas» e barracas inundadas, etc?

Todas estas interrogações andam no pensamento da inensa maioria da classe, sem que se encontrem para ellas respostas adequadas. Mas não é o que mais nos affligo e todos é ver que as coisas se agravam um dia para lá sem que da parte dos senhores se caxergue o minimo sinal de acção ou de protesto contra tudo isto.

Senhores directores sindicais, é certo que vós não estais ocupando os vossos lugares porque a classe vos tenha escolhido, todos nós sabemos como e quem vos pôs contra a nossa vontade. Mas tudo isto, apesar de não ter a nossa aprovação, ainda pôde ser atenuado se da vossa parte houveres uma outra atitude em defesa da classe. Todos nós sabemos que nas condições actuaes não é fácil, nem áquelle que veio para a direcção dos Sindicatos com as melhores das intenções, fazer coisa que se veja em prol das classes que vão representar. Nós sabemos quantas dificuldades e obstáculos se lhes deparam quando tentam defender os interesses dos trabalhadores. Mas tem, como são essas dificuldades e obstáculos e contra é a inação e abandono em que são deixados os trabalhadores por parte daqueles que se encontram à frente dos sindicatos. A prova de que é possível nos dirigentes sindicais fazer alguma coisa é a forma nos trabalhadores, são as acções desenvolvidas pelos directores dos sindicatos que em grande parte tem estado a acompanhar e a apoiar a luta da classe contra os despedimentos e por melhores salários; são os dirigentes de 18 sindicatos da Carris de Lisboa que acendendo à vontade da classe a luta contra os despedimentos; são os dirigentes dos sindicatos metalúrgicos do Porto, Aveiro, Coimbra, Bragança, Vila Real, Braga e Viana do Castelo, que elaboraram o projecto de um novo contrato e submeteram à apreciação dos seus agremiados; são os dirigentes do Sindicato dos Fideiros de Lisboa que conseguem para o aumento para a classe e se esforçam para que os horários sejam cumpridos; são os dirigentes dos Bancários de Lisboa e Porto que lutam para que a sua Caixa de Previdência não entre na Federação; são os dirigentes de Seguros que lutam para conseguem para a classe aumento de vencimentos e outras regularizações.

OS TÊXTEIS DA COVILHÃ E TORTOSEIRO LUTAM POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

O SENHOR MINISTRO EM EMBARAÇOS

O senhor ministro das Corporações foi à Covilhã em princípios de Novembro. Levava na pasta assento para longos discursos sobre a felicidade que o Estado Novo tem trazido aos trabalhadores. Aguardavam-no as «forças vivas» e ele pensava que os operários o aguardariam igualmente, para lhe testemunharem a gratidão pelo muito que diz e o pouco que faz em seu proveito.

Mas os operários da Serra da Estrela têm problemas vivos a resolver que exigem medidas concretas e não o palavreado rebuscado do Sr. ministro.

Quando o Sr. ministro chegou os trabalhadores resolveram formular as suas reivindicações em vez de lhe darem vivas. Em Trazendo os operários, que anteriormente se tinham concentrado no Sindicato, e pedindo a interfeirência deste para uma entrevista com o ministro requereram: horário de trabalho para as mulheres e para os jovens, entre as 8 e as 17 horas, de modo a evitar o entastamento do trabalho noturno e longas marchas a pé a horas inconvenientes; novo contrato colectivo que eleva os salários actuaes em 60 %, tendo em conta o aumento do custo de vida e as necessidades dos lares operários.

A estas reivindicações juntaram os operários da Covilhã o pedido de garantia de 6 dias de trabalho por semana; prazo de férias em conjunto para cada família operária; direito da classe em participar da discussão e da elaboração do contrato colectivo; cessação das irregularidades no recebimento do abono de família; pagamento das horas extraordinárias a 50 %, como a lei determina. Na Covilhã, mil operários subverezaram a petição ao ministro, a qual foi entregue por uma comissão que centenas de trabalhadores acompanharam. As operárias têxteis, que tinham tambem formulado as suas reivindicações, quizeram entregá-las a Sua Ex.ª, por intermédio da sua comissão, mas este recusou-se a recebê-las, alegando que o fizesssem através do Sindicato.

A sessão que se realizou na Câmara Municipal não foi das mais encorajadoras para a acção desmagnética do Sr. ministro, apesar de ter falado perto de 4 horas. Em face dos pedidos formulados pelas comissões dos operários da Serra da Estrela e das intervenções de trabalh. dres, entre as quais a de um joicista, que vieram comprovar o justo desejo da classe têxtil de ver resolvidos alguns dos seus problemas, sua Ex.ª perdeu a cabeça, afirmou que vinha tratar de problemas de assistência e de combate ao consumismo e não de aumento de salários. Estes não podiam ser aumentados pois em Espanha isso provocara o aumento do custo de vida. Acusou todos de comunistas e apelou para o governador civil além de terminar com as acções reivindicativas de uma vez.

A um industrial que lhe sugeriu o aumento do

abono de família para os operários, ele respondeu ironicamente: «o senhor está na verdade muito humano».

Sua Ex.ª assistiu ainda à inauguração de um melhoramento no Sindicato a derruba de um tabique que permitia alargar a sala das sessões.

Mas o que fez? Nada. O que irá fazer? Um novo contrato em que a classe não conseguirá se não continuar a sua luta, se não lutar, se não se concentrar as centenas e milhares nas empresas, nos sindicatos e I. N. T. para firmemente pedir que se ponha fim a esta trágica situação e se tomem medidas sérias para dar pão e agasalho a dezenas de milhares de trabalhadores têxteis.

Companheiros de Tortosendo e da Covilhã! A vossa acção e a vossa luta são dignas de louvor e de apoio. Levai-a por diante. «O Têxtil» felicita-vos em nome de milhares de trabalhadores.

CARTA DE UM TÊXTIL DE LANIFICIOS

Reivindicamos um novo contrato colectivo

É injustifidável e desumano querer que um contrato elaborado em 1937 seja valido hoje, depois de tanto aumento no custo de vida.

Para repararmos uma tal injustiça devemos caminhar em massa para o Sindicato e I. N. T., afim de denunciar, conforme o direito que nos confere a cláusula n.º 2 do mesmo.

Reivindicamos portanto:

1.º—Aumento geral para a classe têxtil que deverá ser, pelo menos, proporcional ao aumento do custo de vida desde 1937, data da feitura do contrato.

2.º—Garantia de férias minima de 6 dias, terminando com a equivalência aos 60 %, assim como o minimo em regime de 4 dias. Não permitir menos férias que a relatada a 6 dias, sómente com os 80% de desconto.

3.º—A férias minima não deve ter conta corrente de modo a evitar que se ausdem a pagar «cliques» durante um mês.

4.º—Reforma da invalidez e da velhice compulsiva com as despesas mais elementares.

5.º—Acção da Previdência de modo a garantir, pelo menos, 18 meses de direito a médico e subsídio de doença, que são pouquissimo no abito da miséria e da obrigação de voltar ao trabalho sem estarmos devidamente curados.

6.º—Proibição do trabalho das mulheres e dos menores nas empresas fora do horário que deve ir das 8 da manhã ás 5 da tarde.

7.º—Período de aprendizagem não supe-

(continua na 2.ª página)

(continua na 2.ª página)

Notícias das Empresas

VÁRIAS IRREGULARIDADES E FORMAS DE EXPLORAÇÃO

Unhois da Serra—A empresa têxtil desta terra, com o maior despesa pela saúde daqueles que lhe tocam os olhos, mantém o turno das 9,30 às 14,30 horas, o que obriga os operários que habitam no Paul, a levantarem-se às três horas da madrugada para poderem estar às 5,30 na empresa. Além da carinhada de mais de uma dezena de quilômetros por dia e muitas vezes debaixo de chuva e neve, estão ainda sujeitos a pesadas multas por pequenos atrasos.

Têxteis da Unhois! Não podem continuar numa situação que só tende a piorar se vos mantiverdes em silêncio. Uní-vos e pedí a gerência que seja posto à vossa disposição um transporte ou se modifique o horário de acordo com vosso. Poddes também dirigir-vos ao Sindicato exposto o Vosso caso e pedir-lhe solução para ele.

Covilhã—Em 4 empresas têxteis desta cidade o bom de família não está a ser pago regularmente, sendo ao posto de uma delas haver perto de 4 anos que os operários não recebem o abono. Nessa mesma empresa há 6 anos que se não pode utilizar o posto médico af existente.

Na Empresa NOVA FIAÇÃO os operários não têm a mínima consideração pelos operários que moram no Têxteis. Depois de caminharem mais de uma hora a pé são castigados com 3 e 8 dias se chegam atrasados 5 minutos, como se os operários não fossem os primeiros a desejar não faltarem ao trabalho.

Há empresas que não pagam os 50% das horas extraordinárias. Outras ainda não pagam os salários equivalentes às categorias dos aprendizes. Há esgarrados que recebem salários inferiores aos que por lei lhes são devidos.

Têxteis da Covilhã? Estareis certos de que se vos unídes e fordes junto dos patrões, sindicato e I.N.T. com firmeza e persistência acabareis por receber a tercia a que tendes direito e obrigareis os patrões a cumprir o contrato colectivo de trabalho. Outro tanto devem fazer os aprendizes, sendo junto do sindicato para se informarem do salário a que têm direito e levarem a uma fiscalização eficiente nas suas empresas.

«FIL»—Empresa situada nas proximidades de S. Mamede de Infesta onde trabalham cerca de 350 operários e operárias. A situação nesta empresa é também de desenfreada exploração. Assim, os salários mínimos não são cumpridos, há operários que ainda há pouco estavam a ganhar 1850 por dia quando o salário mínimo é de 2850 e recentemente ainda não lhes pagam mais que 2250. Quanto às multas (que não são mais que um roubo oficializado pelo senhor ministro das Corporações), continuam a ser aplicadas a torto e a direito. Accontece que, quando um operário não comparece ao trabalho de le à retreite, não pode demorar-se mais que 5 minutos de contrário é multado em 2850. Se põe uma nódoa no fato e é multado (tirar durante a hora do trabalho é multado em 850, e assim por diante).

Além dos roubos a que os operários são sujeitos certa coacção para impedir que os operários fujam. Geste «parar»-Quando um operário ou uma operária que tenha família a trabalhar na mesma empresa arranja trabalho noutro lado e pretende sair, toda a família é ameaçada de despedimento. O trabalho feito por turnos e de modo inaceitável no que respecta a horários, um dos turnos pega às 7 da manhã, larga ao meio dia para almoçar, pega de novo às 3 da tarde para

largarem às 19 horas, pretando 9 horas de trabalho com a agravante de terem o dia todo estrado. Com há operários que chegam a morar a 20 km, de distância vêm-se obrigados a levantar-se às quatro ou cinco horas da manhã e não chegam a casa senão depois das 9 ou dez horas da noite.

Coligas da F.I.L. esta situação é ilegal e injusta e não deve continuar, mas para isso é preciso que todos estejamos dispostos a lutar contra ela.

Fábrica do Lordelo—Nesta empresa também a situação não é mais razoável que os operários e operárias pois vivem debaixo de constantes ameaças de despedimento. Quando se pede alguma peça dum tear ou qualquer outra máquina, sem que os operários ou operárias tenham a mínima opinião sempre obrigados a pagá-la senão toda a parte menos uma parte e quando os trabalhadores protestam contra esta roubalheira a resposta é sempre a mesma e se não está bem mudada, que nós não precisamos de ti para nada».

Accontece também várias vezes haver encomendas que é preciso executar rapidamente e então o pessoal tem de fazer horas extraordinárias, estas são muitas vezes pagas a singleto pouco, segundo dizem patrões e cacarapudos, elas não dão para pagar os 50%, como manda a lei, mas quando a peça se torna muito escaudilhada então há pagam algumas destas horas a 50%. Muitas vezes os operários se interrogam sem encontrar a razão por que é que há obras que dão para pagar os 50% e outras não. É claro que os patrões não se pode ser uma, a vontade que os operários têm de roubar a torto e a direito sem que ninguém lhes pegue conta dos seus turnos. Para fazer face à este estado de coisas não há outro caminho senão aquele que o «O Têxtil» tantas vezes tem apontado, a unidade e a luta de toda a classe.

Também nesta empresa, como aliás em geral, os operários e especialmente as operárias, são tratados sem o mínimo de respeito por certos patrões e encarregados que lhes chamam os nomes mais infames e lhes dirigem os palavrões mais indecentes. Contra isto têm também os operários que lutar. A sua dignidade de trabalhadores não deve perder-se, seja a quem for, que abuse da sua posição para cur largas à sua educação e institutos de malvadez.

CARTA DE UM TÊXTEL DE LANIFICIÕES

rior a 3 anos, terminando com a categoria de estagiários e passando logo à categoria de profissionais.

8.—Pagamento das horas extraordinárias a 50%, como manda a lei.

9.—Gozo de férias na segunda semana de Agosto, de modo que cada família operária as possa gozar em conjunto.

10.—Direito de eleger a direcção do Sindicato, podendo fim a nomeação das comissões administrativas.

Estas reivindicações fazem parte dos problemas que a classe têxtil deseja ver resolvidos para alcançar uma vida melhor, sem desemprego e sem miséria.

Um abraço para a Redacção do «Têxtil» extensivo a todos os seus leitores.

Um têxtil da Serra da Estrela

COLABORAÇÃO E AJUDA

A amigos, os superiores interesses da classe lá colocam-nos a necessidade da saúde mais regular e uma maior difusão do nosso jornal, esta só pode ser satisfeita com a ajuda de todos.

Nós sabemos que muitos trabalhadores da classe, homens, mulheres e jovens desejam ler e contribuir para o nosso jornal, mas não encontram a maneira de o fazer, acrescentando nós a reclamação da sua ajuda, tanto das notícias que eles nos podem dar sobre o que se passa nas suas empresas, como das suas críticas e sugestões para melhorar o nosso jornal, de maneira a ele poder ocupar o lugar a que tem direito como órgão de uma grande classe como é a nossa.

Amigos, para que o «O Têxtil» possa cumprir a sua missão, nós tomamos a iniciativa de lançar à classe o Apelo para que até à Pascoa sejam recolhidos 5 contos pela classe.

Confiamos na boa vontade de cada leitor para que dê a sua contribuição e a peça aos seus companheiros de trabalho. Estas importantes podem ser enviadas à redacção do nosso jornal e serão publicadas em cada número.

Neste número de «O Têxtil» publicamos já algumas rubricas que nos foram enviadas por companhias de trabalho. Estas notícias merecem sobre este problema, os quais demonstrando uma perfeita compreensão pelas nossas necessidades contribuíram e arranjaram as importâncias que abaixo publicamos.

NOTA:—Para facilitar a recolha de deslizes passamos a enviar junto ao jornal uma lista de pessoas para cada um inscrever as importâncias que consiga angariar. As listas serão enviadas à Redacção que as publicará com as rubricas que vierem indicadas ou apenas com o número que cada um põer na lista de maneira a poder identificar-las.

RUBRICAS PARA «O TÊXTEL»

Ar. Vicente...	5800	Um opo. det.	5800
A bem da Dmo.	2800	Um dia de trab.	5800
Assoc. da Lib.	3800	Um trab. Lib.	5800
Cons. Verm.	2800	T. demócrat.	5800
Dem. Indep.	2800	Viva n. Unid.	1850
Dem. Liberal.	5800	Para Un. t. det.	10800
H. Deigado.	5800	Text. do Minho	5800
Pelos det. Cir.	5800	Text. de Guim.	2450
Por H. Belg.	1200	Ajuda a Lib.	7850
Por A. Vicente	2800	Para «Têxtil»	10800
Por 50%.....	5800	Rev. cont.	5800
Lib. por Goês	10800	Aum. salário	2850
Um det. da dem.	5800	Contra multas	2450
Um des. e. sit.	5800	Total.....	144850
Hamberto.....	5800		

As Direcções dos Sindicatos

etc.. Todas estas acções indicam que mesmo nesta situação ainda é possível fazer muita coisa desde que se esteja animado do desejo de servir os trabalhadores.

Senhores dirigentes do Sindicato, a vontade da classe e que seja dado trabalho a todos os desempregados ou então um subsídio de desemprego para aqueles que ainda não arranjaram colocação. Que não sejam permitidos mais despedimentos ou a redução dos dias de trabalho. Que seja elaborado um novo contrato de trabalho sem contrato colectivo. Que acabem as multas, se compram os horários de trabalho e as horas extraordinárias sejam pagas como manda a lei.

Companheiros! Os dirigentes do Sindicato têm o dever de defender os nossos interesses, vamos em massa ao Sindicato para que nos deem conta daquilo que têm feito e pretendem fazer em nosso benefício. O Sindicato e, além da empresa, o local onde nos devemos juntar para discutir os nossos problemas.

Pela Unidade de todos os Têxteis!
Pela melhoria das nossas condições de vida!

Um operário Têxtil